

6

O ensino e a aprendizagem: alunos e professores

6.1

Concentração no ensino e aprendizagem: Adequações e Superação

Por conta dessa configuração especial⁷⁵ que tem como resultado, entre outros, uma imagem de excelência na área educacional, a escola tem encarado o desafio de gestar uma nova experiência educacional desde sua fundação. Vem concentrando suas práticas na intenção de oferecer aos vários tipos de alunos que a freqüentam um ambiente que favoreça o surgimento do desejo de aprender. Para isso oferece oportunidades variadas de aprendizado, ainda que as vezes, de maneira improvisada.

Por conta das dificuldades advindas das condições do prédio que não possui instalações adequadas para todas as atividades da escola, os agentes realizam de maneira criativa uma série de adaptações. Encenam peças de teatro num local que não possui palco nem cadeiras, fazem experiências de ciências numa sala que não é um laboratório, têm um coral que não possui local para ensaios, realizam trabalhos diferenciados (como aulas de forró, alongamento, consciência corporal, etc) na área de educação física, sem uma quadra coberta. Nas tarefas que exigem música, utilizam equipamentos pequenos, com pouca potência, transformam salas pequenas em espaços culturais com exposições e apresentação de filmes, tornam qualquer cantinho um local de trabalho.

O clima produzido por essa postura de criatividade no ambiente de trabalho, provocado pelo desafio de querer realizar atividades e não possuir condições adequadas, parece ser estimulante também para os alunos. Algumas vezes percebi alguns acordos entre professores e alunos, visando a realização de trabalhos em situação longe do ideal. Os professores parecem contar com um extenso repertório de estratégias capazes de resolver impasses a partir do

⁷⁵Contar com uma equipe qualificada, possuir na maioria, alunos de estratos sociais privilegiados, operar num sistema de gestão participativa, obter bons resultados em avaliações externas, ser campo de formação para licenciandos, estar em contato permanente com novos conhecimentos produzidos no ambiente universitário, entre outros.

envolvimento dos alunos, conforme explicitado:

“A gente tinha aula numa sala-ambiente, com ar condicionado, com vídeo,, com isso, com aquilo outro, muito bem equipada. A sala estava assim um pouco apertada para eles. Então a gente chegou à conclusão que não usaria mais aquela sala. Isso tudo colocado em grupo. A gente foi para uma sala maior, porém muito mais quente, com nada e a gente chegou à conclusão que o que podia fazer era dividir aquela, em quatro salas. Eu falei assim: “Vocês querem aprender?” “Queremos!”, “Então eu vou ter quatro turmas em uma só. Vocês terão que colaborar no sentido em que quando eu estiver trabalhando com um grupo o outro vai precisar ser autônomo, pois vou fazer uma outra proposta de trabalho e aí vou atendendo a todos”. Separei os grupos, coloquei os líderes. “Cada grupo vai ter um líder e prestar relatório da sala de aula”. e fui construindo, até que ao final de um certo período todos chegaram onde eu queria, com a matéria.”

Mesmo com um prédio de dois andares, razoavelmente dimensionado para o número de alunos (cerca de 700), várias salas de aula (cerca de 20), uma biblioteca, algumas pequenas salas dedicadas a atividades variadas e um teatro⁷⁶, essa comunidade convive cotidianamente com a necessidade de realizar suas propostas com o que podem dispor e não com o que seria ideal. Inclusive no que se refere aos professores⁷⁷.

A maioria dos professores aponta alguma carência na escola. Reclamam principalmente do espaço, considerado insuficiente para abrigar todas as atividades que desenvolvem precariamente, ou que não conseguem desenvolver por falta de local adequado. Gostariam de dividir as turmas para obter um resultado mais eficiente em certas atividades, uma quadra coberta para atividades de educação física, entre outras coisas.

Apesar disso não se imobilizam. E o que parece ser seu traço mais distintivo, incentivam os alunos a não desistirem. Acreditam e trabalham a auto-estima e a crença dos alunos no sentido de seu crescimento pessoal e no seu bom desempenho acadêmico a despeito de suas dificuldades. Conforme a fala de um professor, mencionando dificuldades em uma de suas aulas, pode exemplificar:

“Você fica o tempo todo falando em inglês e a gente não tem dinheiro para fazer (nome de um famoso curso)”. Eu pensei: Eles estão desesperados! “Estou há dois tempos falando inglês com vocês, não notaram? A gente está numa aula de inglês, certo? Vocês têm que ter a capacidade, porque se eu falo 100%, só quero que peguem 20%, o resto a gente vai conseguir”. E eles: “Ah,

⁷⁶Sala maior resultante da ampliação provocada pela diminuição da sala contígua, sem palco, sem cadeiras, tratamento acústico, climatização e iluminação adequadas.

⁷⁷A universidade não autoriza a realização de concurso para ingresso na medida das carências da escola, o que resulta numa equipe formada também por profissionais que apesar de passarem pelo mesmo processo de seleção para ingresso, permanecem na escola por no máximo 2 anos – são os professores contratados.

não!” Então prá acalmar os ânimos eu disse: “Está bom, vamos seguir a proposta de vocês”. Sem que eles percebessem fui colocando o meu jeitinho, aumentando a dosagem de inglês. Eu fiz um simulado de vestibular com eles, mas não disse que era. Ai eu chamei a atenção: “Não perceberam, não é? Trabalhei a aula toda em inglês e todos deram retorno da atividade que eu passei e foi de uma prova de vestibular e isso na sexta-série! Se eu tivesse dito antes não teriam feito, teriam? Vamos trabalhar a autoconfiança, vocês podem!”

O efeito que ações como essas podem provocar na subjetividade dos alunos, tende a repercutir em seus resultados escolares. Ao perceberem a partir de seus próprios esforços e de suas capacidades pessoais que conseguiram realizar a tarefa, reforçam a crença de que podem se superar. Professores eficazes estimulam os alunos a buscarem soluções com bastante frequência (Bressoux: 2003) e esse processo vai criando uma perspectiva de trabalho facilitadora do processo ensino-aprendizagem.

Durante o trabalho de campo, ocorreram muitas transformações na escola, principalmente na parte física,⁷⁸ conforme já mencionado. Por conta dos anos sem manutenção, a escola chegou a um estado crítico com o desabamento da parede de uma das salas de aula, (ocasionado por uma infiltração de grandes proporções que estendeu-se por vários anos) e que manteve a biblioteca fechada por vários meses⁷⁹.

Mesmo com a escola literalmente invadida pelos trabalhadores, durante a reforma do prédio e a mudança dos gestores⁸⁰, o ano letivo foi encaminhado de maneira a manter o compromisso com o bom desempenho dos alunos e o fortalecimento da escola como instituição. Voltou a ser publicado o jornal “A Forja” por iniciativa dos alunos, o que mobilizou toda a escola por conta de seu tom irreverente e questionador já em seu primeiro número dessa nova fase⁸¹. Equipes se empenharam em negociar com os alunos a linguagem e o conteúdo do veículo com muita presteza. Na manhã em que o jornal foi distribuído, aconteceram reclamações de alunos e professores que se sentiram melindrados com o conteúdo de certas matérias. Cerca de duas horas depois, estava desencadeado o processo de negociação entre membros da direção, professores e

⁷⁸ A reforma se estendeu durante todo o trabalho de campo.

⁷⁹ A biblioteca tem uma média diária de cerca de 80 pessoas freqüentando para consultas e estudo dirigido. São alunos, licenciandos, funcionários e segundo a bibliotecária, poucos professores. Os alunos mesmo das séries iniciais, assumem compromisso quanto ao empréstimo de livros, pagando multa quando não cumprem prazos.

⁸⁰ A apresentação do survey aconteceu como uma das últimas atividades de uma equipe e no início do ano seguinte, quando começou o trabalho de campo, já havia assumido a nova equipe de gestores.

⁸¹ Desde que foi criado (1955), o jornal tem passado alguns períodos fora de circulação.

alunos. Ficou aparente a autoridade dos gestores e o reforço de normas de convivência que deveriam ser respeitadas incondicionalmente. Não foram negociados princípios éticos considerados como fundadores do ethos escolar: alunos obedeceram, ao menos aparentemente, as antigas regras do jogo.

A escola lançou sua primeira revista com matérias escritas pelos professores apresentando principalmente relatos de projetos desenvolvidos ou que estavam sendo encaminhados. Um dos aspectos que mobilizou o grupo durante o período foi a possibilidade de resgatar a memória da escola. Segundo um professor a tradição deve ser mantida sempre que não implique em impedir mudanças necessárias e desejadas:

“ Temos uma tradição oral e nos últimos tempos houve um número grande de professores que se aposentou e nossa história tem que ser resgatada, reconstruída. É uma espécie de compromisso com o passado e também com o presente”.

Apesar das dificuldades resultantes das condições objetivas de trabalho, a escola apresenta-se no contexto atual, como tendo um ensino de qualidade, capaz de entre outras coisas, proporcionar àqueles que terminam a escolarização básica prosseguir nos estudos: a quase totalidade de seus ex-alunos ingressam no curso superior. Segundo afirmações de ex-alunos, de professores e em consulta a relatórios publicados na imprensa e pela própria escola, os alunos da escola P1 encontram-se bem colocados nas classificações dos exames vestibulares mais concorridos e nas avaliações do governo como Saeb, Enem e Prova Brasil. Além disso, algumas de suas pesquisas circulam por vários ambientes científicos⁸².

De acordo com informações obtidas com professores e membros do Serviço de Orientação Educacional, os índices de evasão e repetência são baixíssimos por conta inclusive das novas estratégias utilizadas, bastante diferentes das do início da escola. Na época, início da década de 60, o índice de reprovação era bastante alto, cerca de 43%, de acordo com quadro estatístico elaborado pelo SOE – Serviço de Orientação Educacional (Abreu:1992, p.78).

⁸²A escola incentiva os alunos a participarem de atividades científicas regularmente, ligadas à diversas entidades : FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz), CBPF (Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas), UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e FeSBE (Federação das Sociedades de Biologia Experimental), através do Núcleo de Iniciação Científica Júnior composto de professores e alunos do ensino médio.

Naquela época, a concepção pedagógica que orientava as ações escolares fundamentava-se numa idéia de excelência construída, sobretudo, a partir das capacidades individuais dos alunos. A escola selecionava criteriosamente através de exames bastante difíceis, tanto acadêmica quanto psicologicamente, quem faria parte de seu grupo seletivo e só ingressavam alunos muito preparados. Desde os anos 50 e 60, e até bem recentemente, esses exames eram concorridíssimos, havendo até cursinhos e professores especializados envolvidos na preparação dos candidatos (Abreu:1992). Atualmente continua havendo uma grande procura pela escola, mas os critérios de admissão e de reprovação se modificaram substancialmente.

Desde 1991, acontecem provas de nivelamento seguidas de sorteio para os aptos nas séries de ingresso (1ª, 5ª e 1ª do ensino médio). A partir de 1998, tem acontecido sorteio para as duas etapas do ensino fundamental (1ª e 5ª) e prova de nivelamento e posterior sorteio para a 1ª série do ensino médio.

Antes, aqueles sem perspectiva de promoção eram orientados a se transferirem para outras instituições. Atualmente, a escola procura diminuir ao máximo essa possibilidade. Os alunos estão sujeitos à avaliação contínua do desempenho escolar em cada disciplina, área de estudo ou atividade em várias etapas durante o ano letivo. Ao final de cada período de avaliação, passam por um processo de recuperação quando lhes é oferecida mais uma oportunidade.

Essa regra assemelha-se a de muitas outras escolas, mas o que parece ser um traço forte dessa escola é a maneira particular como se realiza, conforme observado nas aulas e em outras situações.

Os professores se dedicam a uma espécie de corpo a corpo, quando da realização das atividades⁸³. Tudo parece ser observado, principalmente o empenho e a dedicação. Não foram observadas atividades notadamente sem planejamento. Nas aulas, pode-se perceber o intenso controle que os professores exercem sobre as dinâmicas propostas. Sabem o que cada um fez, ou se propôs fazer, e explicitam, constantemente, o fato de precisarem se esforçar. Tiram dúvidas, esclarecem inúmeras vezes tanto quanto aos objetivos, quanto aos conteúdos, para isso valendo-se de instrumentos diversos. Trabalham com textos, com música, assistem a filmes, elogiam, criticam e sobretudo estimulam.

⁸³Facilitado inclusive pelo número de alunos nas classes: na 8ª série 25 alunos.

Frases ouvidas durante atividades:

“Ah eu te conheço!”; “Você pode!”; “Por que essa falta de pique? Você não é assim!”; “Você errou exatamente a mesma coisa, no outro trabalho”; Olha aí moçada, vamos parar com a brincadeira que agora o negócio é sério”! Não adianta que não vai ser de graça, tem que correr atrás”; “Tá brincando? Depois agüenta! Não vou te dar mole não!” “Vamos começar tudo de novo!” “Cuidado gente, a prova tá chegando!”

Essas frases são acompanhadas de intensa movimentação dos professores pela sala, conhecendo todos os nomes e trajetória acadêmica dos alunos. É o binômio negociar e perceber singularidades o tempo todo em ação. Algumas vezes, inclusive, com a participação dos licenciandos. Esses jovens candidatos ao magistério parecem estar muito próximos dos alunos e falam uma linguagem que pode ser facilitadora. Alguns, em etapa de observação inicial, sorriem frente as piadas e brincadeiras. Outros, em etapas posteriores do aprendizado, relacionam-se com os meninos de maneira participativa, uma espécie de segundo professor.

O aluno que não consegue, durante o ano e na recuperação final, atingir a nota 7(sete), ainda faz uma outra avaliação antes do início do próximo ano letivo.

Esse processo de avaliação distingue a escola de maneira positiva e acaba por significar mais uma tarefa diferenciada para as equipes do SOE – Serviço de Orientação Educacional. Esse setor, historicamente, tem exercido papel fundamental na escola que foi pioneira em sua introdução no universo escolar. Conhecendo todos os alunos e seu perfil familiar, relacionando-se com os professores e coordenadores, atuando cotidianamente, realiza uma das tarefas mais importantes da escola: a montagem e o acompanhamento das turmas, além da assistência individual aos alunos.

Por conta do adiamento das listagens para a montagem dessas turmas, as equipes iniciam o ano letivo com um trabalho meticuloso para alcançar o bom equilíbrio das turmas. Procuram definir qual a melhor configuração para a criação de um ambiente intelectualmente desafiante e produtivo e que, simultaneamente, apresente possibilidades de vínculos interpessoais variados, além do contato com outras realidades.

Montam turmas bastante variadas, misturando as turmas anteriores e dependendo da série, os novos alunos. Operam de acordo com vários critérios como idade, sexo, origem, atitude em relação às atividades escolares, comportamento, entre outros. Existe o mecanismo institucionalizado de troca entre turmas. Durante

o processo de escolarização, os alunos se misturam de tal maneira que ao final de alguns anos nenhum deles é estranho. Criam-se vínculos entre todos os alunos também por causa de várias atividades que juntam séries diferentes.

Após um período inicial de adaptação, os alunos insatisfeitos formalizam (por escrito, com a exposição de motivos) seu pedido de mudança para outra turma. Os pais são comunicados, os alunos são entrevistados pela equipe e a transferência a pedido do aluno se realiza na maioria das vezes. Só então são geradas as listagens definitivas das turmas.

Quando a escola foi criada, os membros do SOE eram encarados pelos alunos com uma forte carga de desconfiança por conta das informações que possuíam. Os alunos temiam que essas informações pudessem servir para denunciar os envolvidos em atividades subversivas. No período pós-64, era o SOE que fazia a censura –atividade rotineira na época – do jornal da escola, A Forja⁸⁴ (Abreu: 1992).

Atualmente o setor pode ser encarado como uma parte importante da escola e com um trânsito significativo entre os alunos que sabem contar com sua mediação nas situações de impasse. Tanto no que se refere ao relacionamento professor-aluno, quanto às questões de aproveitamento escolar.

Sem a atuação efetiva que desenvolvem, o projeto educacional da instituição dificilmente se realizaria. Esses profissionais possuem características especiais, são formados em diferentes setores do conhecimento e desenvolvem competências múltiplas⁸⁵ que os permitem circular em várias áreas, como a pedagógica propriamente dita, a psicológica e naquelas que envolvem as ações escolares externamente, como concursos, datas de inscrição, possibilidades profissionais, etc.

São eles, junto com os demais professores, que incentivam e organizam a vida do aluno no que se refere à sua participação em eventos externos como as atividades de pesquisa em outras instituições. Operacionalizam todas as etapas do processo desde a seleção prévia na própria escola, o transporte, passando pela adequação com as atividades escolares até as questões de alimentação.

⁸⁴A Forja foi uma publicação criada pelos alunos em 1954, depois do fechamento do Grêmio Estudantil. Recebeu esse nome por ser o que melhor definia o colégio como um local de trabalho criador. O colégio seria uma forja onde se preparariam aqueles que mais tarde, nas suas diversas profissões, utilizariam os conhecimentos adquiridos, em prol do progresso da ciência e da razão. (Abreu: 1992).

⁸⁵Grande volume de capital informacional (Dantas:2002).

6.2

Direitos e responsabilidades: Monitoramento do progresso e Limitações

Acontece uma mobilização dos vários grupos para impedir que o aluno seja reprovado. Professores, coordenadores e orientadores pedagógicos atuam constantemente, objetivando não apenas um bom desempenho acadêmico como a ampliação de sua visão de mundo.

Nos Conselhos de Classe, a Orientação Pedagógica instrumentaliza os presentes com uma quantidade razoável de informações sobre o aluno. Discorrem sobre sua vida acadêmica passada e presente, suas peculiaridades e, inclusive, sobre sua situação familiar. A Direção Acadêmica de Ensino – DAE participa atentamente de cada caso discutido, anotando e se comprometendo com providências. Num desses conselhos, pude perceber seu empenho em influir no comportamento de uma turma que se mostrava indisciplinada, desatenta e com baixo rendimento.

Desses Conselhos também participam alunos representantes de turma que trazem a visão dos colegas, tanto quanto às suas próprias práticas, quanto às dos professores. Estas instâncias deliberativas oferecem um espaço precioso no que se refere ao compromisso do grupo em encaminhar soluções, reforçando aquilo que foi positivo. Também parece ser uma aposta na construção da autonomia dos alunos no que se refere a postura escolar. Negociam com seus pares na classes, decidem sua representação e são municiados posteriormente com o resultado do Conselho. São ouvidos respeitosamente, ponderam. Entretanto, nem todas as turmas comparecem, o que pode indicar desinteresse, imaturidade ou descrença nos resultados do processo encaminhado nessa instância específica. O certo é que existe o espaço, devidamente institucionalizado.

Entretanto, ainda se nota nas discussões a ausência de critérios avaliativos de origem acadêmica, bem definidos. Aparecem apreciações que podem extrapolar o objetivo do encontro, uma vez que apresentam uma óbvia subjetividade que se impossível de ser afastada, deve ser encarada de frente:

“Ah, mas ele é um bom garoto!” Ou: “Gosto muito dela, tem se esforçado muito.” Ou: “Já falei com a mãe, a separação mexeu com ela”.

Ao que parece, a positividade que é a tônica desses encontros não é suficiente para mobilizar todos os professores envolvidos. Faltam sempre alguns,

outros parecem já ter sua opinião cristalizada e não parecem dispostos a se modificar, de acordo com alguns depoimentos. Apesar disso a maioria tem uma postura muito positiva, uma crença muito forte na possibilidade de sucesso dos alunos e na função desses encontros.

Quando indagados sobre situações de fracasso, demonstram o quanto isso os mobiliza:

“A gente tem discutido muito isso. O acompanhamento é feito. O pessoal da direção, do grupo de ensino, de orientação educacional, eles trabalham muito esse cruzamento de dados. É lógico que muitas vezes acontece de se perder um desses meninos. Não seria legal mas acontece (a jubilação)é triste!”.
“...é, tem alguns que não conseguem. É triste. Eu já tive um caso de um aluno que foi reprovado, no ano passado, e agora é meu aluno de novo esse ano”.

A Orientação Educacional, ao ser argüida sobre seu papel em situações de crise, indica:

“Eu tenho problemas, mas estou sempre pensando nas soluções, nos caminhos. Eu não sou terapeuta... tenho que ter um olhar muito objetivo, tenho que ter soluções rápidas, a minha fala tem que ser firme.....mas acaba assim lidando com o sentimento, a gente tem um carinho, um afeto, uma palavra, um estímulo, um cheiro... eles sabem da importância de ser aluno daqui... a família reconhece. Eles sabem dessa excelência... têm a consciência de que estudam num melhor colégio e que eles têm que aproveitar, mesmo quando dá uma derrapada, tira nota baixa: “você sabe que um diploma do.... é um passaporte para a vida!””.

“Eu acho que a gente batalha como um todo.O objetivo maior é a educação pública de qualidade... eu acho que nosso aluno veste a camisa do e tem consciência disso. As transformações aqui não são bruscas, porque tudo é muito discutido....quando o corpo docente é envolvido ele tem que dar conta... a gente discute, erra, mas acaba que não erra muito... quando um menino chega a sair dessa escola a gente já trabalhou muito, muito mesmo. O que eu posso te dizer é que ninguém age irresponsavelmente. Nenhum aluno sai dentro de um ano, no mínimo dois anos. É depois de trabalho, de muito trabalho mesmo. A família é trabalhada, a criança é trabalhada e a maioria das vezes, no meu entendimento, são problemas familiares muito grandes e que fogem às vezes de nossa condição, então...”.

Apesar de todos esses procedimentos, nem todos conseguem e quando isso ocorre, conforme percebido nas entrevistas, o grupo considera sua responsabilidade na situação, embora conclua, a maioria das vezes, ter sido um problema do aluno, mais que da escola. De acordo com relatos, alguns deles “*parecem desistir*”. Quanto à escola, algumas vezes parece que não consegue identificar e influir significativamente na resolução do problema o que acaba por

terminar com a jubilação, assunto delicado sobre o qual não foram disponibilizadas informações. Por tratar-se de tema controverso supõem-se que o grupo preserve-se talvez por não contar com unanimidade.

As equipes escolares sempre declaram ter utilizado todos os recursos na intenção de influenciar positivamente na trajetória escolar desses alunos. Situação que permite pensar como ainda é pretensioso um sistema que muito raramente, admite a falha como de sua responsabilidade. Além disso, as chances que oferece têm suas limitações. As oportunidades de reversão de quadros de inadaptação ao sistema, de fracasso, não poderiam se desdobrar indefinidamente. Se existe um tempo de aprender, para a instituição ele não pode ser ilimitado. Os alunos podem ser reprovados apenas uma vez em cada segmento do ensino. Aqueles que não conseguem, são afastados - é a jubilação - exclusão consentida e naturalizada por parte dos agentes, uma vez que não existem discussões sistemáticas visando transformar a realidade atual. Se algum grupo não se sente confortável quanto a essa situação, não se mobiliza para modificá-la. Na escola P1 não existe a distorção idade-série, tão presente em nosso sistema educacional, a seleção interna acontece implacavelmente ao se esgotarem as tentativas de reversão do quadro de inadequação.

Antes das modificações na forma de ingresso, os alunos que chegavam à escola apresentavam uma certa homogeneidade no que se referia às condições de resposta ao processo de escolarização. Atualmente, por conta do sorteio, as coisas mudaram. A escola passou a ser freqüentada por crianças com backgrounds muito diferentes, o que demanda uma atuação também diferenciada em vários sentidos. Isto também acontece no segundo segmento do ensino fundamental (a atual sexta série) e no primeiro ano do ensino médio. Porém estes alunos, ao que parece, já possuem uma certa familiaridade com as regras do jogo escolar e se adaptam às dinâmicas da escola com relativa facilidade.

Na primeira série, por volta de 7 anos, crianças de grupos sociais diferentes trazem para o universo escolar o peso ainda bastante forte de sua origem. Como os grupos sociais possuem diferentes afinações em relação à escola, foi desencadeado um processo de discussão, objetivando aprimorar as práticas pedagógicas de modo a obter resultados favoráveis também junto a esses novos freqüentadores.

Esse é um dos pontos sensíveis da escola por seu caráter especial. Ao mesmo tempo que decidiram ampliar democraticamente sua forma de acesso e

sabiam que o fazendo certamente estariam frente a uma nova realidade discente, acreditavam-se capazes de equacionar prováveis impasses. A partir de uma organização eficiente, no que se refere à clareza dos propósitos e a procedimentos passíveis de adaptações, pareciam acreditar possuir as credenciais para operar num ambiente de desafio. Quando interrogados se notaram diferenças entre os novos alunos, os docentes mostram percepções diferentes:

“Existe uma discussão... eu fui até contrário... porque não achava que a escola estivesse estruturada prá isso... pedagogicamente, montada uma estrutura física adequada para a criança. Achava que deveria ter um departamento médico, porque criança se machuca muito, um refeitório adequado, banheiro próprio.⁸⁶ ... quanto ao perfil nossa escola sempre foi tratada com alunos de classe média ...acho que aos poucos vem modificando... acho que as próprias famílias da periferia não estão acreditando que vão ter a sorte de serem sorteados... até perguntam se o sorteio é real mesmo”.

“Acho que existe por parte dos colegas um certo preconceito mesmo... baixar o nível... acho que existia muito preconceito, muito medo em relação a isso, ter mais trabalho. Tanto que nossas médias nas avaliações foram prá cinco dois anos e voltou prá sete novamente”.

“A gente trabalha com um público bem diversificado”.

“No início havia sim uma diferença... mas hoje em dia o sorteio tem ficado diferente, quem tem se inscrito não são as mesmas. A gente já tem apanhado aluno que não tem tanta dificuldade...e não é só uma questão de não estar preparado, porque ninguém está preparado para fazer o curso de alfabetização. A grande diferença que a gente tinha era em relação `a questões familiares... a gente passou a receber alunos sem nenhuma “maneira” e quando chamava os pais tinham um pior comportamento que os filhos... e quando a gente percebeu que estava diante de uma realidade bastante diferente daquela que a gente estava acostumado... Isso vem mudando nos projetos que a gente vem oferecendo”.

A discussão sobre essa mudança de perfil e suas conseqüências pedagógicas tem sido ampla⁸⁷. É pretensão da escola continuar com o sorteio e até ampliá-lo para outras séries como forma de ingresso, pois o consideram compatível com um dos seus grandes compromissos: contribuir para ampliar e democratizar a educação. Um orientador educacional quando indagado sobre a proposta da escola quanto a esse assunto, declarou que nada mudou:

⁸⁶Hoje as crianças da primeira série compartilham o banheiro comum que possui uma cabine exclusiva para eles e uma pia com altura menor.

⁸⁷O assunto está sempre na pauta das discussões do grupo, embora nem sempre de maneira explícita, tendo motivado o desejo de alguns professores em ampliar sua formação através de cursos de pós-graduação e inspirado dissertações.

“[...] do ponto de vista acadêmico, pedagógico, eu acho que o conteúdo ou mesmo o envolvimento com a aprendizagem ou mesmo a capacidade de autonomia dos alunos continua trabalhada da mesma maneira. O que muda talvez assim, é que como a gente lutou por isso, quer ter sempre um grupo muito heterogêneo, porque a gente acredita nisso. Então eu não acredito que seja uma dificuldade. Mas quando você precisa parar e prestar atenção na heterogeneidade que você tem, você fica com mais dúvidas no seu trabalho, de como você tem que trabalhar e ver essas diferenças, cultura do adulto e não da criança. Antes, eu acho que talvez isso não era um ponto de muita... não sei se as pessoas tinham outra cabeça, outros estudos, se era uma área tão vista, não sei...multiculturalismo...”

Esse processo não parece ser vivido de maneira semelhante por todo o grupo. Ao depararem com os resultados da mudança na forma de ingresso, passaram a ter que lidar com questões que mesmo presentes no cotidiano da escola não demandavam enfrentamento emergente.

Aceitavam diferenças, de certa forma palatáveis, que administravam com um certo conforto. Alunos e professores pertenciam a mundos mais ou menos parecidos, o que atualmente não parece ser o caso. No survey aparecem meninos do subúrbio, de famílias de grupos sociais diferenciados, que mesmo fazendo parte do grupo de famílias que estariam investindo no projeto educativo dos filhos, são diferentes.

Uma nova dimensão de tensão já tem aparecido por conta desses novos perfis de famílias e alunos. A seletividade que se processava no modelo anterior funcionava como uma espécie de filtro pelo qual só passavam alguns. Hoje as chances de ingressar um “outsider”⁸⁸ é cada vez maior.

De acordo com a literatura educacional, não se discute mais o impacto que diferentes origens sociais provocam na escolarização, sobretudo das crianças menores. No entanto, a relevância da influência específica da escola já é uma premissa que não pode ser descartada. A busca pela compreensão das razões que diferenciam as escolas positivamente, fez surgir a partir dos anos 80 o movimento de estudo das “escolas eficazes” que teve desdobramentos na área educacional. A literatura gerada, tem servido inclusive como subsídio para implementar políticas governamentais. Estas visam conhecer melhor os sistemas além de identificar características das escolas que conseguem, se não excluir, ao menos minimizar os problemas relacionados à escolarização advindos da origem social dos alunos.

⁸⁸ Aqui utilizado com o sentido daquele que possui vivência diversa.

Para professores da P1, encarar o desafio de ampliar seu universo de alunos, através de sorteio, foi uma questão política. Ao perceberem a situação de desprestígio social e de ineficácia pedagógica da maioria das escolas freqüentadas pelas crianças dos grupos sociais desfavorecidos, resolveram partir para o enfrentamento. Buscaram ampliar seu horizonte profissional e social ao oferecer oportunidade para que outros grupos sociais que tradicionalmente não tinham acesso a esse tipo de instituição pudessem ingressar na escola.

Pretendem, desejam mais. Alguns verbalizam nas reuniões, a urgência de modificarem estratégias de trabalho, de implementar novos projetos. Outros parecem preferir escamotear e afirmam não terem percebido modificação no perfil escolar.

Ao receberem os alunos dos primeiros sorteios, foram confrontados diretamente com a diversidade social em sua particularidade educacional, dentro de seus próprios muros. Esses novos alunos ainda são uma minoria, porém as turmas vêm se tornando cada vez mais heterogêneas. À medida que alguns, desses novos alunos, apresentavam dificuldades de se adequarem ao ethos escolar e de obter um bom desempenho acadêmico, a escola tem procurado saídas que respeitassem suas especificidades e ao mesmo tempo que não a desqualificasse enquanto espaço de excelência. Todos os setores foram mobilizados. Tal postura encontra-se em concordância com os resultados de algumas pesquisas que parecem indicar que a heterogeneidade das turmas faz parte do conjunto de variáveis aventadas como preditoras do sucesso escolar.

A escola oferece todo o ensino básico para cerca de 700 alunos organizados em dois turnos e 28 turmas. Cada série possui duas turmas, com exceção da 1ª e do ensino médio com 3 turmas cada.

Com um currículo bastante amplo desde sua fundação apresenta-se como um espaço que incentiva a atividade intelectual, prestigiando igualmente todas as disciplinas da grade curricular, aí incluídas as artes em geral. Desde as primeiras séries, existe uma grande preocupação com a aquisição dos saberes básicos, notadamente a linguagem. Por conta disso, nos quatro primeiros anos é desenvolvida uma atividade regular, “Oficina da Palavra” que segundo a bibliotecária privilegia não só o vocabulário:

“objetiva trabalhar a tradição oral, desde a origem da palavra, registros,, produção de livros, biblioteca....desde a origem até os tipos de biblioteca que

eles têm hoje em dia, os tipos de fontes para pesquisa, mitos, lendas, todo o acervo cultural da humanidade”.

Sua grade curricular apresenta-se da seguinte maneira: no 1º segmento existe um núcleo comum formado por Língua Portuguesa, Matemática, Integração Social, Ciências e Oficina da Palavra acrescido de Artes Plásticas, Música e Educação Física.

No 2º segmento Língua Portuguesa, Francês, Inglês, História, Sociologia, Geografia, Ciências Biológicas, Matemática, Desenho Geométrico, Artes Plásticas, Artes Cênicas, Música e Educação Física. Durante todo o ensino fundamental, os alunos obrigatoriamente devem freqüentar as aulas das três formas de arte (plásticas, cênicas e musicais) por considerarem necessária à sua formação um mínimo de aproximação a esse tipo de linguagem para que possam no ensino médio optar por apenas uma delas.

No ensino médio Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Língua Estrangeira (Francês ou Inglês), História, Sociologia, Geografia, Biologia, Química, Física, Matemática, Desenho Geométrico, Artes (Plásticas, Cênicas ou Música) e Educação Física.

De acordo com professores e documentos da escola, seu objetivo ultrapassa a simples aquisição dos conteúdos definidos formalmente. O desenvolvimento do prazer de aprender, sua tarefa primeira, conjuga-se a intenção de que seu aluno seja capaz de construir com autonomia seu conhecimento e que o utilize nas várias esferas sociais das quais é parte, de maneira consciente e solidária. Além disso, pretende proporcionar condições adequadas para o estágio dos licenciandos⁸⁹.

As atividades de ensino foram se transformando, também por conta das adaptações do currículo, provocadas pela transformação vivida pela sociedade que passou a exigir competências diferenciadas. Isso aconteceu com o ensino de língua estrangeira que vem recebendo uma atenção especial. A escola modernizou a metodologia de ensino e os objetivos, visando um aprendizado adequado. Algumas outras disciplinas foram revistas e, assim como com a língua estrangeira, passaram a exigir espaços redimensionados com salas-extras.

⁸⁹De acordo com documento da escola.

Por conta da preocupação com a qualidade do aprendizado, o ensino tem algumas características diferenciais que podem ser percebidas de várias maneiras. As aulas são organizadas em três módulos com dois tempos de recreio (intervalos), o que apesar de a primeira vista parecer irrelevante, resulta num melhor ordenamento das atividades e oferece oportunidade de descanso tanto para professores quanto para alunos. Essa distribuição do tempo parece funcionar para os alunos como facilitador ao aprendizado, principalmente daqueles que freqüentam o ensino fundamental.

No trabalho de campo, percebeu-se a dificuldade vivenciada pelos meninos em manter-se sentados, enfileirados, obedientes à dinâmica proposta pelos professores. Conversam, mexem-se, interagem de maneira a demonstrar sua dificuldade com o formato imposto pelas regras escolares tradicionais; o que não significa necessariamente desinteresse pelo ensino ou desvalorização do trabalho desenvolvido pela escola. Possuem uma outra *hexis corporal*⁹⁰, que parece inadequada à forma escolar tradicional. Participam das atividades, de um modo geral, com interesse, porém seus corpos não parecem se adequar ao espaço das cadeiras. Sua atenção desvia-se com freqüência, levando os professores a mudar constantemente, a propor novos acordos. Parece faltar à escola instrumentos, materiais que possibilitem ao professor dinamizar seu trabalho. O quadro-negro ainda é o recurso mais usado, a despeito de todas as ofertas de aprendizagem oferecidas pelas novas mídias educacionais. A dificuldade dos alunos em manter-se interessados em exaustivas aulas expositivas acaba resultando numa impressão de bagunça na maioria das atividades, de acordo com comentários de alguns professores:

*“ Precisamos mudar isso, falta material, mas o que não dá é prá ficar parado”
ou “Infelizmente é assim que a banda toca, ainda!”*

Embora pouco ainda se saiba desses novos estilos de cognição⁹¹ que conjugam atenções variadas simultaneamente, é certo que esses jovens apresentam dificuldades em direcionar a imensa energia que levam para sala de

⁹⁰Dimensão corporal do *habitus* decorrente do estilo de vida (dos agentes), derivado dos processos de socialização. Ver a respeito, Bourdieu (1979) págs.100,171,193 da edição francesa.

⁹¹A imagem dos alunos das escolas estudadas no survey aí incluída a escola P1, impactou fortemente os pesquisadores, que encontraram um ambiente diferente do que imaginavam. Os alunos pareciam ter muita dificuldade em se manter parados e atentos durante a maior parte das aulas. Aventou-se, concordando com as hipóteses da pesquisa desenvolvida por Maria Teresa Freitas (2000), a possibilidade desses jovens terem desenvolvido subjetividades inquietas e pouco centradas, porém provavelmente mais capazes que gerações anteriores de captar instantaneamente, configurações sequer pressentidas por aqueles que tinham uma inteligência marcadamente “focal”. (Brandão, Boletim SOCED Puc-Rio).

aula e que muitas vezes parece impedir sua concentração. Contudo quando questionados sobre seu aprendizado, a maioria das vezes parecem corresponder aos objetivos propostos pelos professores.

Ao observar algumas aulas percebe-se o esforço dispendido por ambas as partes – professores e alunos – na realização das tarefas: trata-se de mais um dos momentos de negociação e com resultados bastante positivos como se pode conferir ao observar os resultados obtidos por esses alunos nas avaliações das quais participam anualmente.

6.3

Outras relações e atividades variadas

a) Relação família-escola

A literatura educacional tem apresentado as famílias como desempenhando papel importante no que se refere à escolarização dos filhos. Entre outras coisas, elas ofereceriam as condições objetivas, uma espécie de infraestrutura com a qual essas crianças podem contar. Famílias e escolas articulam-se no processo de escolarização.

De certa forma, as famílias sempre estiveram presentes na escola ainda que de maneira indireta. Essa participação se restringia, na maioria das vezes, no auxílio às tarefas de casa e aos momentos de festa ou de algum conflito. Os pais tradicionalmente foram excluídos dos processos pedagógicos que ocorriam no interior da escola por razões diversas. Uma delas, entre muitas outras, seria a crença dos professores em não perceberem os pais como capazes de atuar numa esfera tão especializada.

Nos últimos anos, essa situação vem se modificando. Nos documentos oficiais, nos projetos pedagógicos das escolas, na mídia, nas falas das autoridades e em alguns estudos, os pais aparecem como parceiros necessários ao ambiente escolar.

O estreitamento das relações entre a escola e as famílias parece tornar-se inevitável e se insere num movimento de interdependência entre várias instituições sociais (Silva:2003, p.31). Para o autor, ainda não foram suficientemente explorados os efeitos que essa participação recente e incentivada tem provocado no desempenho dos alunos. Pondera que a relação família-escola pode se tornar mais uma das perversas formas de reprodução social, uma vez que

as famílias se diferenciam quanto às bagagens que são efetivamente capazes de levar para a escola⁹².

Para um professor, referindo-se à relação família-escola, não é necessário chamar os responsáveis toda vez que surgir uma questão:

“Se haviam especialistas para realizar essa tarefa, por que os pais seriam chamados para resolver questões que quase sempre desconheciam? Os professores só os acionava depois de esgotadas todas as possibilidades.”

Durante o trabalho de campo presenciei poucas mães ou pais na escola. A maioria das vezes na secretaria, informando-se sobre notas dos alunos. Pode-se pensar que estabeleceriam uma relação de distanciamento, quebrada apenas quando, como dito nos conselhos, *“a luz vermelha se acende”*⁹³. Quando mencionada a pouca participação dos pais observada pelo pesquisador durante uma das atividades, os professores divergem:

“Ah, eles têm mais o que fazer! Deixa os meninos estudarem!” (em tom de brincadeira)

ou: *“... antigamente era mesmo, agora eles até que vem mais”* ao que o outro retruca em tom de brincadeira: *“É Claro: se tem especialistas para realizar essa tarefa, por que os pais seriam chamados para resolver questões que nem sempre conhecem? Dá trabalho!”*

ou: *“Os professores só acionam depois que se esgota tudo”*.

Na escola P1, a participação dos pais está de certa forma institucionalizada. Existem mecanismos, vias de comunicação, que conforme apontado pelo SOE –Serviço de Orientação Educacional tem surtido excelentes efeitos. Além da disponibilidade em sempre ouvir os pais, conforme referida pela orientadora, aconteceriam as entrevistas iniciais quando do ingresso do aluno e o evento “Escola Aberta”.

A escola se mantém aberta, durante um dia cada semestre, para receber os pais. Os professores os atendem nas salas de aula, ouvem suas demandas, fazem comunicados, colocam-se à sua inteira disposição. De acordo com orientadores são momentos preciosos de entrosamento, embora nem sempre amplamente

⁹²Informado por estudos de Lightfoot, 1978 apud Silva, 2003), conforme referido anteriormente.

⁹³Todas as vezes que relatavam algum problema com um aluno, imitavam uma sirene de alerta, repetiam a frase e faziam anotações. Quando perguntei o que anotavam responderam serem os detalhes, as que envolviam o caso e as providências a serem tomadas – o que seria conferido depois, demonstrando controle.

que envolviam o caso e as providências a serem tomadas o que seria conferido depois, demonstrando controle

freqüentados. Os pais que normalmente comparecem, são aqueles cujos filhos apresentam algum problema. Seriam momentos de conversar sobre o que não estaria funcionando e não um espaço de planejamento, envolvendo as duas partes: família-escola, como alguns professores afirmaram.

Ao que parece, a escola toma para si a tarefa de resolver a maioria dos problemas e só, em último caso, chama a família. Entre a identificação do problema e esse chamamento, existe uma série de procedimentos que são utilizados. O que não significa dizer que a escola pretende manter os responsáveis afastados e sim que parece reconhece ser seu papel dirimir os conflitos internos, sobretudo aqueles relativos à esfera pedagógica propriamente dita. De acordo com alguns professores quando mencionam algumas propostas de resolução de conflitos variados e a relação com os pais:

“ Você não imagina o que a participação num coral pode fazer com a indisciplina de um aluno! Altera até seu senso de orientação. Mexe com tudo: é o trabalho em conjunto. Depois são outros.”

“ [...] as artes de maneira geral dão uma perspectiva nova à sensibilidade dos meninos mais agressivos. Eles se descobrem. Até ficam mais felizes quando vêm os resultados dos seus trabalhos. É por isso que a gente gosta de expor – eles amam!”

“ Esse compromisso que a gente os força a assumir sozinhos, sem a interferência dos pais, os fortalece. Afinal eles é que estão na escola e não os pais!”

“ quando a escola estava caindo, a gente chamava mais para ajuda operacional e não propriamente pedagógica!”

“ Muitas vezes é bem mais fácil atingir o aluno diretamente e não através dos pais, que até atrapalham”

“Ah, vamos deixar os caras em paz, a gente “tá” aqui prá isso!”

Professores que administram sua atividade profissional com essa percepção de seu compromisso e seu papel junto aos alunos estariam incentivando um clima favorável ao crescimento pessoal dos mesmos e simultaneamente, praticando ações pedagógicas positivas.

Em nenhuma das conversas informais, durante as entrevistas, ou nas observações de campo, foram observadas atitudes de descaso, de descrédito desses profissionais quanto à possibilidade de transformação de algum comportamento indesejado verificado nos alunos. Parecem, na maioria, possuir um sentimento de capacidade e de compromisso bastante favorável.

O impacto do ensino é mais forte junto aos alunos dos grupos sociais menos favorecidos, ou mesmo, entre aqueles que possuem mais dificuldade, como aponta a revisão de Bressoux (2003). Assim considerando, a situação dos alunos da escola P1 parece ser das mais propícias ao bom desempenho escolar.

b) Participação

A escola tem como prática estimular a participação dos alunos em todos os sentidos. Nas aulas, os professores os estimulam constantemente. Ouvem suas queixas e ponderações, são convidados a resolver pendências de maneira conjunta. Ainda que não tenha sido feita nenhuma entrevista com os alunos, a convivência no espaço escolar por um tempo razoável, permite-nos concluir que, na maioria das vezes, têm suas questões, senão resolvidas, ao menos encaminhadas. Participando das várias instâncias de decisão no âmbito escolar, esses jovens desenvolvem seu senso crítico de tal forma que sua presença é notada em atividades fora da escola. Algumas vezes são identificados como possuindo uma marca bastante específica, conforme mencionado por uma coordenadora relatando um momento de reunião na universidade: *“Ah, é aluno da P1! Reclamando assim só podia ser!”*

Como as turmas são razoavelmente pequenas (cerca de 25 alunos), os professores os conhecem particularmente. Esse conhecimento pode ser simultaneamente um trunfo para o aluno e para o professor. Para o aluno, porque pode obter atenção particularizada, durante os exercícios individuais, aqueles que requerem concentração e nos quais mostra mais explicitamente o que apreendeu. Para os professores, porque turmas menores facilitariam a realização de tarefas mais estruturadas, ou que envolvessem dinâmicas mais complexas que dificilmente funcionariam em grandes grupos. As condições particulares e grupais são consideradas na maioria das atividades propostas.

Essas atividades são desenvolvidas a partir de um processo de discussão desenvolvido e organizado pelas equipes. Segundo depoimentos é respeitada a tradição da área de ensino na escola e introduzidas modificações a partir da percepção do professor, que busca também respeitar as condições dos alunos. Por conta dessa prática é notória a facilidade maior vivida pelos antigos professores por sua familiaridade com os mecanismos internos de funcionamento da escola e com os alunos.

b) Participações diversas:

O grêmio escolar esteve durante algum tempo desativado. Havia desentendimento entre qual seria a melhor forma de gestão. Os alunos queriam funcionar no sistema de co-gestão. Achavam que a responsabilidade seria melhor distribuída se fugissem das formas tradicionais de representação. Depois de um longo processo de negociação, chegaram a um consenso (direção da escola, professores e alunos) e o grêmio foi reativado com uma direção tradicional e com todos os postos que habitualmente existem nesse tipo de organização. A atual diretoria tomou posse numa cerimônia acadêmica/formal e depois comemorou com uma festa na própria escola.

Não possuindo local próprio para suas reuniões, vem funcionando numa sala improvisada cedida pela direção. Seus representantes atuam de maneira intensa no que se refere ao relacionamento dos alunos da escola com os da universidade. Participam das várias reuniões escolares e também desenvolvem atividades extra-classe nas quais os alunos têm a oportunidade de se conhecerem melhor e de desenvolver uma sociabilidade identificada com a escola como shows, campanhas educativas e outras, ligadas a reivindicações de caráter universitário como a luta pelo “bandeirão”⁹⁴.

A integração entre alunos de diferentes níveis de ensino, turmas e idades, promovida por essas atividades tem funcionado como fator de politização dos alunos da escola já há algum tempo. Através do grêmio e suas atividades, muitos dos alunos da escola tiveram contato com a participação política, algumas vezes de maneira contundente. Facilitada, entre outras coisas, pelo conhecimento intelectual desenvolvido nas atividades escolares, como debates⁹⁵ e grupos de estudo que fortaleceram o espírito crítico desses jovens (Abreu:1992).

Um exemplo da responsabilidade e da participação dos alunos na escola, é relatado por uma diretora, mencionando momentos de dificuldade vividos pelo grupo:

⁹⁴A faculdade à qual a escola está intimamente ligada desenvolve uma campanha pela volta do refeitório desativado a alguns anos.

⁹⁵A escola promove debates freqüentes com personalidades da vida científica, cultural e política.

“Como a escola pequena, e o espaço do aluno é garantido em várias reuniões com professores [...] não é como outros lugares. Eles sabem o que acontecem com os professores. [...] e isso faz com que eles tenham uma visão da realidade ampliada.[...] “A escola não é só o lugar onde eu vou brincar e estudar. Eu vejo profissionais lutando no seu dia-a-dia trabalhando, lutando por uma questão profissional”.

Em momentos de greves os alunos freqüentavam a escola, segundo fala de uma diretora: *“como se estivessem apoiando nossa greve”*. Cuidavam dos menores com o consentimento dos pais que sabiam estarem os professores na escola apenas em reuniões sem desenvolver suas tarefas habituais. Os alunos maiores assumiam o compromisso de orientar os menores, inclusive com aulas que ministravam. Para alguns professores quando o fato foi mencionado, foram momentos em que alguns alunos exercitaram seu sentido de solidariedade. Tomaram para si, ao menos em parte, a responsabilidade de buscar uma escola melhor.

c) Feira de Ciências e Cultura

Qualquer acontecimento da escola segue a filosofia dos rituais desenvolvidos na universidade: seguem um certo ordenamento previamente definido em outras instâncias. Nada parece gratuito ou por acaso sendo parte de um conjunto logístico que reflete objetivos precisos embora nem sempre explicitados.

As reuniões acontecem num clima peculiar que mistura informalidade com uma formalidade bastante forte. Existem pautas, organização operacional definida, agenda, as pessoas se inscrevem, são produzidos editais para quase todos os eventos e processos da escola. Inclusive a fala dos agentes seguem certos padrões como se pertencessem à algumas corporações: *fulano está na casa*”, *“ordem do dia”*, etc.

Contudo como todos se conhecem e partilham seu cotidiano, uma certa informalidade acaba por se impor, como se percebe nos gestuais efusivos e descontraídos.

Um exemplo dessa forma de articulação foi a Semana de Arte, Ciência e Cultura. O evento que acontece há 12 anos foi aprovado pelo Conselho Pedagógico em edital. No documento redigido de maneira bastante formal, constava qual seria o público-alvo, exigências à participação, formas de apresentar propostas (tipo e tamanho da fonte gráfica inclusive), cronograma de atividades,

critérios para o registro e posterior publicação⁹⁶. Convocava à participação toda a comunidade escolar, aí incluídos professores, alunos, professores de prática de ensino pertencentes ao quadro da universidade e técnicos-administrativos.

As propostas de apresentação dos trabalhos seriam previamente analisadas por uma equipe (Comissão de Organização) com prazos definidos para cada uma dessas etapas.

A partir dessa aproximação ao evento, se poderia supor um clima bastante formal, quando da realização das atividades. No entanto, nem uma vez, durante todo o ano que frequentei a escola, com exceção da festa de encerramento dos alunos e a festa junina, observei uma situação de tanto entrosamento entre os membros da escola. Desde o primeiro dia, com a arrumação das atividades, a movimentação foi intensa. O clima é de grande descontração, circula-se pelas salas de aula e espaços escolares que utilizados de maneira diferente da usual, são apropriados também com outras posturas por grupos que nem sempre estão juntos no cotidiano escolar.

Alunos de séries e idades variadas trabalham junto com professores e licenciandos. O pátio e algumas salas abrigam atividades diversas (grupos musicais, exposições de trabalhos de alunos de várias séries, palestras com visitantes convidados e com os professores da escola). Os assuntos escolhidos são bastante variados contemplando várias áreas de interesse.

Esses eventos, essas oportunidades que a escola estimula de se apresentar para si própria, essas portas abertas ao novo, ao outro que entra e sai constantemente, longe de deixá-la vulnerável, ao que parece, a fortalece. Sem medo de participar de avaliações as quais poderia declinar⁹⁷, de provocar o ingresso do diferente, de estimular seus membros a participarem de outras realidades, de realizar seu trabalho com seriedade e compromisso social, é o que parece torná-la um espaço de distinção no universo das escolas cariocas.

⁹⁶Segundo depoimentos da direção e conforme constatei no início da pesquisa, a escola não possui uma história escrita e por isso tem se empenhado em produzir documentos que registrem sua história. Existe uma pequena parte do que foi produzido, num arquivo da universidade, como material disponível aos pesquisadores. No ano da pesquisa o Núcleo de Publicações da escola lançou uma revista.

⁹⁷Algumas avaliações são opcionais, como a Prova Brasil e os exames do Saeb realizadas pelo Inep/MEC conforme informado pela secretaria da escola.